

# Fracasso também faz história

ADAUTO CRUZ

JOSE RAMOS FILHO

A história de Brasília é cercada de relatos de fortunas que se consolidaram antes mesmo que os traços de Lúcio Costa marcassem definitivamente o Planalto. Em todas as narrativas cruzam-se as vidas de aventureiros e empreendedores que, vindos de todas as partes do País, se envolveram com a tarefa de fazer "cinquenta anos em cinco".

Mas a história omite a experiência de tantos outros que não conseguiram a mesma sorte e tiveram suas atividades abortadas pelas dificuldades próprias da cidade, ou pelas reviravoltas da economia. Um destes casos é o do administrador de empresas Gerson Pereira de Castro, um paulista de Igarapava que chegou a Brasília em 1961, com 18 anos de idade, acompanhado dos pais e irmãos, e tentou por duas vezes desenvolver seu próprio negócio. "Sou um dos 'piotários'" ironiza Gerson, referindo-se aos pioneiros que não conseguiram ganhar dinheiro com seus negócios na cidade.

Ele comenta que, desde pequeno, mantinha um desejo próprio de todos de sua geração: iniciar algum dia seu próprio negócio. Entretanto, o início de sua vida profissional em Brasília voltou-se para outro rumo, quando em 1965 foi trabalhar na área administrativa de uma construtora, onde ficou até 1969.

As oportunidades de crescimento dentro da empresa, onde chegou a gerente de divisão, fez com que Gerson buscasse a profissionalização e adiasse por mais algum tempo seu sonho, em certa parte esti-

mulado pela lembrança do negócio de seu pai, que possuía uma pequena frota de táxis em São Paulo.

Casado desde 1967, com Marilza, uma paranaense que também veio tentar a vida em Brasília, Gerson encontrou na família mais uma razão para segurar os planos do negócio próprio, preferindo investir primeiro na segurança, deixando para outra oportunidade os riscos da livre iniciativa.

## OPORTUNIDADE

Este momento chegou em 1979, quando a construtora em que trabalhava entrou em concordata e ele viu-se obrigado a optar entre transferir-se para a África — Tanzânia ou Mauritânia — ou permanecer em Brasília e afastar-se da empresa. O apego à terra falou mais alto e Gerson resolveu experimentar finalmente a iniciativa do negócio. Com o capital economizado durante anos, Gerson instalou uma serralheria em Goiânia.

Mas a espiral inflacionária do início do Governo Figueiredo agravou a baixa lucratividade industrial e tratou de sepultar os planos do empresário. "Dos 1.300 por cento de inflação acumulados na década de 70, pelo menos metade ocorreu em 1979", afirma Gerson. Menos de um ano depois, a família estava de volta para Brasília, onde recomeçou sua vida profissional em uma pequena empresa de transportes, onde encontra-se até hoje.

Envolvido novamente com as atividades administrativas, Gerson esqueceu por uns tempos a idéia do próprio negócio, e concentrou esforços na reformulação da empresa em que

trabalhava, visando ingressar no ramo de transporte de máquinas, que hoje absorve totalmente as atividades da empresa. Neste meio tempo, em 1983, o executivo passou um ano trabalhando em um projeto de montagem de sistema de Organização e Métodos para o Conjunto Nacional, e tornou-se diretor do recém-fundado Sindibrás, o sindicato das empresas de transporte rodoviário de carga da cidade.

Nem mesmo toda esta atividade foi suficiente para mantê-lo imune ao entusiasmo trazido pelo Plano Cruzado, e em agosto de 1986 Gerson Pereira mais uma vez resolveu tentar a atividade empresarial, valendo-se dos contatos estabelecidos com a administração do Conjunto Nacional, que pretendia criar a atual Praça da Alimentação, formada por lanchonetes e pequenos restaurantes. A preferência era por pessoas que não tivessem experiência anterior, e estivessem dispostas a tornar-se microempresários, utilizando-se dos fartos créditos oferecidos pelos bancos.

Com Cz\$ 700 mil em mãos, sendo Cz\$ 400 de capital próprio, Gerson abriu o "Kreps e Panecas", mas não abandonou suas atividades profissionais. Um gesto prudente, pois de dois meses depois do Plano Cruzado começou a degringolar e as taxas de juros retomaram sua trajetória ascendente, fazendo com que o empréstimo de Cz\$ 300 mil se transformasse em uma dívida de Cz\$ 2 milhões, no prazo de um ano. "Não ganhei dinheiro e ainda comprometi as reservas que eu tinha", lamenta Gerson Pereira.



Campanatti: homenageando os destaques de 88

## Cid Varela é Personalidade 88

O Clube dos Diretores Lojistas de Brasília homenageia amanhã, com jantar no Clube do Exército, as empresas e personalidades que considerou destaques neste ano de 1988: Edilson Cid Varela (superintendente do CORREIO BRAZILIENSE, TV Brasília e Rádio Planalto), Grupo Apoio de Comunicação, Mesbla e Fofi Magazine.

O presidente do Clube dos Diretores Lojistas Joel Campanatti, disse que esta promoção, que se repete há 21 anos retrata "o reconhecimento das empresas ou pessoas que, durante o ano, prestaram relevantes serviços ao movimento lojista do Distrito Federal, fato reconhecido por uma comissão de alto nível, que levou vários itens em consideração".

A personalidade do ano de 1988 escolhida pelo Clu-

be dos Diretores Lojistas foi Edilson Cid Varela, que veio para Brasília em 1959, quando a cidade ainda era "um imenso canteiro de obras", com a incumbência de aqui instalar as empresas dos Diários Associados: a TV Brasília e o CORREIO BRAZILIENSE, inaugurados junto com Brasília.

O grupo Apoio, dos irmãos Francisco Ailton Maia, também receberá o prêmio dos lojistas, um ano antes de completar dez anos de atividades nas áreas de Comunicação, Vídeo, Marketing, Turismo e Congressos, tendo sido escolhida a "empresa destaque" de 1988, em Brasília, pelo CDL.

Nacionalizada em 1924, a Mesbla iniciou as atividades no Rio de Janeiro, em 1924, e está em Brasília desde o dia primeiro de novembro de 1986.

## Pequenos sofrem discriminação

Brasília é uma cidade que, por suas próprias características, discrimina os pequenos empresários, avalia Gerson Pereira de Castro. Um dos fatores que mais contribuem para isto é a setorização da cidade. Embora ele considere este planejamento positivo para a vida da população, acredita que ela onera os projetos de implantação dos empreendimentos, abrindo caminho para os grandes empresários.

O terminal de cargas de Brasília, segundo Gerson, somente atingiu seu atual estágio de desenvolvimento com a chegada das filiais das grandes transportadoras de outras cidades, pois a luta por um lote em área específica, de acordo com as características exigidas pelas autoridades, limitam o acesso aos empresários locais.

Sua experiência no ramo de lanchonete contribuiu

para reforçar esta impressão. Ele diz que o mercado de alimentação rápida se concentra nos shoppings, o que encarece a abertura de um estabelecimento, em virtude dos aluguéis caros, custos com mão-de-obra especializada etc. Além disso, nestes estabelecimentos geralmente há uma especialização que tira a flexibilidade do empresário. Ele, por exemplo, somente podia trabalhar com panquecas, enquanto seu vizinho estava limitado à venda de massas. Nestas circunstâncias, se o negócio fica ruim não há possibilidade de se alterar o cardápio.

Os grandes empresários, que podem abrir várias unidades, com produtos diversificados, têm condições de explorar mais o mercado, compensando as perdas de um estabeleci-

mento com o aumento da rentabilidade de outros.

A própria vida social da cidade também contribui para dificultar os planos de quem fracassou em alguma iniciativa. "Hoje dificilmente eu conseguiria um outro ponto em um shopping", afirma Gerson, que acha que se estivesse em São Paulo ou Rio de Janeiro poderia tentar novamente outro negócio sem este tipo de dificuldade.

Mas isto não está em seus planos. Aos 45 anos, com a família criada e realizado em sua atividade profissional, ele não sente necessidade de tentar novamente. "A experiência não me trouxe frustração, pelo contrário, posso chegar aos 60 anos sem ter que me cobrar por não ter tentado". Ele acha que tinha que satisfazer este lado da sua formação, presente em todos de sua geração.